

Da expropriação do espaço familiar à busca da apropriação do espaço asilar no enfoque da psicologia ambiental

Giseli Pazini¹
Rosa N. T. Jerônimo²

Resumo

A presente pesquisa na área de Psicologia Ambiental tem como foco a compreensão da apropriação do espaço dos idosos que vivem nas casas asilares no Município de Criciúma/SC. Para isso, se realizou a coleta de dados por meio de entrevistas semi-estruturadas, nas quais, verificou-se a tentativa dos idosos em construir por intermédio da personificação, uma identidade de lugar. Além disso, foi analisada a autopercepção do idoso, as relações entre os idosos e os cuidadores, bem como, dos idosos com seus familiares. Como resultado, este estudo mostrou que os idosos asilados não se apropriaram do asilo, uma vez que esse espaço não substitui os mesmos vínculos afetivos, sociais, culturais e simbólicos contidos em suas “casas natais”.

Palavras-chave: apropriação do espaço, idoso, casas asilares.

Abstract

ON THE EXPROPRIATION OF FAMILY SPACE TO THE APPROPRIATION OF ASYLUM SPACE IN THE APPROACH OF ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY. The present research in the area of Environmental Psychology focus on the understanding of the appropriation of the space of the elderly with long permanence in shelter houses in the City of Criciúma/SC. Collection of data was done by means of half-structured interviews. The self-assessment of the elderly, the relations between elderly and the caregivers, as well as of the elderly with their families, were analyzed. An attempt of the elderly to construct a place of identity through personification was detected. Moreover, the study showed that the sheltered elderly did made an appropriation of the asylum space, because such environment does not substitute the same affective, social, cultural and symbolic bonds contained in their original homes.

Keywords: appropriation of the space, elderly, home for the aged.

Introdução

Esta pesquisa tem como tema *a expropriação do idoso de seu lar e a busca do processo de apropriação do espaço do idoso nas casas asilares de Criciúma/SC*. Nessas casas de longa permanência, encontram-se idosos que possuem lembranças de seu antigo lar e de seus familiares. O antigo lar construído por ele por meio de objetos e seu entorno, de forma significativa e envolvente em seu mundo subjetivo. Prado et al (2004) afirmam que a casa para o idoso contém significado das conquistas e das memórias afetivas construídas ao longo de sua vida, como as lembranças dos filhos que cresceram ali e dos netos que chegaram.

É neste espaço que o indivíduo cria e estabelece suas identificações. As palavras de Claval (1999:192) complementam essa afirmativa, ao falar das questões inerentes à interação do indivíduo com o seu meio. Segundo ele, “o indivíduo passa a reconhecer-se pela sua cultura. Reconhece-se e orienta-se em determinados ambientes, identificando de acordo com estes, sua

singularidade. Reconhecer-se resulta de uma interação sensorial com o espaço”.

Compreende-se que cada indivíduo vive e habita num ambiente em que produz suas próprias identificações, seu modo de ser e agir, vinculando-se assim, afetivamente com o lugar. Esse processo é entendido como a apropriação do espaço construído pelo sujeito por meio de sua subjetividade e objeto de estudo da Psicologia Ambiental. Esta intensifica suas pesquisas para compreender como o indivíduo se constitui, a partir de suas relações com o meio ambiente. Afirmam Günther et al. (2004:07) que “a Psicologia Ambiental se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos individuais tanto quanto como o indivíduo percebe e atua em seu entorno”.

Ainda, conforme os autores citados acima definem, é uma Psicologia do Espaço, que analisa as percepções, atitudes e comportamentos do sujeito com o contexto físico e social, sendo a noção de espaço importante para a compreensão dessas relações.

1 UNESC. Rua Henrique Lage, 1980, Santa Bárbara, 88804-010 Criciúma SC, Brasil. pazini72@hotmail.com

2 UNESC. Rua Rosita Danovith Finster, 990, Jardim Angélica, 88804-800 Criciúma SC, Brasil. rnj@unesc.net

Segundo Jerônimo (2009) e Gonçalves (2007), o processo de apropriação é compreendido como a interação dialética entre o sujeito e o seu entorno sociofísico. E ainda, o sujeito se apropria do espaço por meio dos processos cognitivos, afetivos, sociais, estéticos e simbólicos. O sujeito passa a ser conhecedor do ambiente em que vive e habita, sentindo-se pertencente àquele lugar. Conforme Gonçalves (2004), a apropriação possui uma dinâmica em dois sentidos: um guiado para a conquista do espaço, outro para si. Isso permite que o sujeito, adapte o espaço às suas próprias necessidades.

A identidade de lugar está relacionada aos processos do apropriar-se do seu espaço. O sujeito incorpora significados do lugar onde habita e intensifica sua identidade do “eu”, com seus simbolismos, sentimentos, afetos, valores e histórias. É nesse sentido que, Günther et al. (2003:300) afirmam “identidade de lugar é, portanto, uma estrutura complexa constituída por atitudes, valores, crenças e significados referentes à relação psicológica que estabelecemos com os espaços físicos”. Mais adiante, os referidos autores comentam ainda, que “a identidade de lugar desempenha um papel na maneira como o espaço físico é percebido, sentido e significado; por sua vez, o espaço físico ganha significado por meio da identidade de lugar” (Günther et al., 2003:300).

Diante disso, o idoso procura estabelecer novas identificações, nas casas asilares, já que a casa e o seu ambiente de vida não são mais os mesmos dos quais um dia se apropriou. Apesar dessas dificuldades do sentir-se pertencente àquele lugar ou não, é possível encontrar, nas casas asilares, idosos que tentam se apropriar desse espaço e os que não conseguem significar o seu novo espaço, passando a morar nele, estabelecendo apenas um contato funcional com o lugar.

O processo de morar, como diz Gonçalves (2002), é encontrar-se no lugar e o habitar é a apropriação dos espaços por onde o sujeito cria vínculos com as coisas, objetos com os quais esse mesmo sujeito se relaciona. Portanto, a casa pode ser habitada ou tão somente ocupada.

Nesse processo, Pol (1996) afirma que o sujeito deixa suas marcas revelando a afetividade com o lugar. Esse representa os sentimentos e as emoções aparentes nos objetos, entornos e cuidados que o sujeito tem com o lugar. A marca deixada pelo sujeito personifica seu ambiente

Barreiros et al (2006), argumentam que na medida em que os idosos deixam os seus lares, cujo processo já estava estabelecido, e é transportado às instituições, é necessário que inicie um novo processo que, muitas vezes, não acontece.

Na condição de asilado, o idoso passa a fazer novas relações com o seu ambiente, que o levam a viver de outra

forma e a determinar como se identifica com o lugar, pois sua perspectiva de vida não é a mesma quando vivenciada na sua própria casa.

Para conhecer e compreender todo esse processo adotou-se nesse estudo o referencial teórico da Psicologia Ambiental, numa visão aberta de homem e de mundo, ou seja, aberta a uma postura interdisciplinar de pesquisa, na qual se valorizam todas as dimensões do ser humano, tais como: seu corpo, sua espiritualidade, sua dinâmica psicológica nos vários espaços da vida, como a cultura, a sociedade, a família e, nesse caso, as casas asilares, espaços onde os idosos estão sendo esquecidos não apenas pela sociedade, mas principalmente por seus familiares.

Material e métodos

O presente estudo caracterizou-se como pesquisa de campo de natureza qualitativa, tendo como método o estudo de caso e como base Minayo (2003) e Goldenberg (2000).

A amostra da pesquisa foi definida não por critérios numéricos, mas pela possibilidade de identificar significados subjetivos importantes do sujeito, como afirma Minayo (2003). Assim, a pesquisa foi composta por 2 idosos, em cada uma das 3 casas asilares pesquisadas em Criciúma, Santa Catarina, totalizando em 6 (seis) sujeitos. O critério de inclusão foi o idoso que estava há mais tempo habitando o asilo. Foram excluídos os sujeitos que não desejaram participar da pesquisa ou que demonstraram incapacidade cognitiva para as respostas.

Para a coleta de dados, foi utilizada como técnica a entrevista semi-estruturada e registros de imagens de acordo com Triviños (1987) e Minayo (2003).

A análise dos dados, seguindo o escrito de Gil (1994), teve como objetivo organizar e resumir os dados possibilitando o fornecimento de respostas à problemática de investigação. A análise se efetivou, a partir da ordenação das entrevistas e dos registros fotográficos indicados pelos sujeitos. A partir dessa fase, foram elaborados conceitos-chave (Bauer & Gaskel, 2002) elencados por meio das informações produzidas no discurso dos entrevistados.

O comprometimento ético observou o sigilo, o anonimato e o direito à recusa, seguindo o padrão ético de uma Pesquisa em Psicologia, como o do Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) respaldado pela Resolução 196/96, Ministério da Saúde.

A seguir quadro ilustrando as casas asilares onde foi realizado o estudo:



Lar Feistaeur



Lar Rede Viva



Cantinho do Idoso

Figura 1: Casas asilares de Criciúma/SC. Fonte: Jerônimo, 2005.

Resultados e discussão

O processo de construção da identidade de lugar do idoso por meio da personificação dos lugares no espaço das casas asilares

A *identidade de lugar* é constituída por intermédio da identificação de objetos e sentidos que afetam os pensamentos e a emoção, significando no sujeito a relação de *apropriação* com o *espaço* que ocupa. Conforme Gonçalves (2007), o processo de apropriação está relacionado à identidade de lugar, ou seja, o lugar tem um significado para o sujeito incorporando na sua própria identidade – a identidade do “eu”.

A relação entre sujeito e espaço fica evidente nos modos de interação e na transformação desse espaço de acordo com sua necessidade pessoal. Esses espaços são sempre carregados de significados e simbolizam seus aspectos de vida. O sujeito vai personificando seu lugar, na medida em que constrói e dá sentido ao espaço habitado, do modo como vai dispendo objetos que marcam e identificam o habitante e o seu ambiente. A *personificação de lugar* se dá pelas *marcas* deixadas pelo sujeito no ambiente.

O ambiente e seu entorno são assim transformados pelo sujeito, ampliando seu modo de ser e de *habitar o espaço*. Esses aspectos envolvem a afetividade, cognição e o simbolismo, no qual se constatou sua identidade e seu *sentimento de pertença do lugar*.

A personificação dos lugares nos asilos constitui uma tentativa de ornamentar os cômodos da casa com alguns objetos que simbolizam laços afetivos com o lugar atual e com aqueles deixados para trás.

Portanto, o idoso, em seu novo ambiente, liga-se aos lugares internos e externos, na tentativa de se identificar, promover o seu bem-estar e construir uma identidade de lugar. De acordo com Claval (1999), o indivíduo passa a reconhecer-se e orientar-se em determinados lugares, identificando aspectos que envolvem sua singularidade, resultado da interação sensorial com o espaço; porém, os idosos, nas casas asilares, apresentam um reconhecimento e uma orientação funcional no espaço, isto é, a singularidade compromete-se e funde-se no espaço coletivo.

Na casa asilar: os lugares internos e as lembranças

A Psicologia Ambiental descreve que os lugares, para o sujeito, traduzem sua subjetividade. É nesses lugares que ele compõe, no espaço-tempo, significados, caracterizando-os de acordo com seu desejo. Os *lugares* são as manifestações da obra simbólica do ser humano que contemplam a emoção e a afetividade de nossa vida.

Segundo Gonçalves (2002), o lugar apresenta-se carregado de emoções no enfeite da casa, no cuidado do jardim, na realidade por ele construída. É nesse ambiente constituído que suas marcas são postas e configuram-se nas lembranças. “Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas” (BOSI, 1994:442).

Na pesquisa realizada com os idosos asilados, verifica-se que sua história remete ao subjugado mundo das lembranças. Lembranças que se ramificam por meio dos objetos ou lugares dos quais se apropriam na casa.

Observa-se, nas entrevistas, que os *cômodos* da casa, o *móvel* e os *objetos* são sinônimos de identificação com o lugar. A maioria define como sendo seus lugares e/ou objetos favoritos o *quarto*, a *cozinha*, a *cama*.

Na casa, existem diferentes lugares, os coletivos e os individuais. O *quarto* é o espaço pessoal e íntimo, lugar de descanso, de resgate das forças perdidas ao longo do dia e, muitas vezes, o refúgio. Segundo Dotterweich (1999), o quarto é um lugar pessoal, onde estão as coisas mais sagradas, que devem ser respeitadas, e é direito de cada um, definir esse espaço pessoal, no qual a individualidade possa adquirir forma.

Nas entrevistas, a maioria cita o quarto como sendo seu lugar preferido. Observa-se que esse é o único lugar em que o idoso considera que pode estar só. Porém, isso acontece em poucos momentos, pois esses espaços são ocupados por dois ou mais idosos. O quarto oferece sensações diferentes para os sujeitos, no entanto, com um mesmo significado, o de descanso. Dessa forma, Tuan (1980) evidencia que o homem percebe o mundo por meio dos sentidos e suas experiências sensoriais e estéticas, que o envolvem nas estruturas físicas, revelando sua essência.

O quarto é um lugar de muita importância para os idosos, pois evoca lembranças da maternagem e do tempo em que viveram em casa. Segundo Bachelard (1993), no momento em que um sujeito está no seu quarto ou casa, de forma poética, faz a leitura desse ambiente e, num dado instante, a interrompe e começa a pensar em algum aposento antigo. Começa escutar as lembranças de um pai, de uma mãe, de uma avó, quer dizer, do ser que domina o recanto de suas lembranças mais valorizadas.

O quarto sendo espaço pessoal proporciona ao idoso a possibilidade de encontrar-se em seus pensamentos. Acredita-se que, nesse ambiente, o que resta ao idoso é lembrar de seu passado, pois tem muito pouco do que se ocupar.

A *janela* do quarto inspira um ambiente de calma, sossego e poética para um dos sujeitos. A janela é tida como um canal intermediário entre o interno e o externo, por ela observa-se a entrada da luz, da brisa e do vento, por ela, ainda, se sente o ar da atmosfera. Jorge (1995) menciona que a janela representa um novo tipo de relacionamento ambiental. Por meio dela é exposta a imagem externa do mundo, e nesse espaço dá-se valor ao ambiente nela inserido.

A *cozinha* também é um espaço em que o idoso gosta de estar. Lugar esse que, segundo Jerônimo (2007), é onde alimenta o corpo e a alma por meio da conversa e do convívio.

Em uma das casas asilares, cada idoso tem o seu lugar sentado à *mesa*. Zimmerman (2000) enfatiza que as famílias patriarcais possuíam lugares específicos, como o pai provedor sentava-se à ponta da mesa, a mãe ao seu lado e os filhos em volta da mesa. No refeitório da casa asilar, alguns idosos definem uma relação com seu lugar, intitulando-o como sendo seu canto e seu espaço.

Além do quarto e da cozinha mencionados pelos entrevistados, a *cama* também é identificada como sendo fonte de relação no espaço interno. Essa propicia a noção de descanso corporal. Para os entrevistados, a cama serve para o repouso e, quem sabe, lembrar-se dos filhos.

Os lugares identificados pelos entrevistados podem estar ligados a um significado pessoal ou simplesmente a um estado funcional com o lugar. Dessa forma, cada idoso ocupa seu espaço, de acordo com seus vínculos afetivos deixados para trás, atribuindo-lhes significados com base nas lembranças ainda vívidas em suas memórias, para não se esquecerem daquilo que viveram e de quem já foram um dia.

Na casa asilar: o lugar intermediário

A *varanda* é tida nessa pesquisa como um lugar intermediário, o qual pode ser considerado como um espaço onde os idosos procuram se identificar e construir outros vínculos afetivos. A varanda, conhecida em muitas culturas como sacada, terraço e, como área pelos nossos entrevistados, foi recitada por poetas e cantada por artistas.

A varanda, além de colocar os idosos em contato com o mundo exterior, ou seja, mais próximo da rua, da vizinhança, das pessoas e dos automóveis, apresenta, na casa, um lugar coletivo, em que os idosos, com

freqüência, encontram-se para conversar. Torna-se um espaço reservado ao convívio social entre os idosos, visitantes e familiares, possibilitando a integração. Segundo Barreiros (2006), o idoso na casa asilar inicia um processo da construção de novas amizades.

Assim como a varanda, o *sofá*, para os entrevistados, foi citado como lugar de bem-estar e de boas lembranças. O sofá da varanda expressa um sentido de liberdade espacial compondo a sensação de estar na própria casa. O sofá pontua Jerônimo (2007), é simbolizado como um móvel que facilita a aproximação e o contato corporal entre as pessoas. O sofá, para um sujeito, ainda traz vontades, transportando-as para sua intimidade, despertando em sua alma os desejos de cantar, rezar, ou seja, de escuta interior.

Em seus devaneios, idosos encontram na varanda, um espaço intermediário entre estar dentro do asilo e estar fora, remetendo aos tempos vividos em sua própria casa, em que tudo era livre e independente. Do mesmo modo, a *cadeira de rodas* torna-se o único instrumento de movimentação, substituindo, assim, os pés, de quem muito já caminhou com suas próprias pernas.

Na varanda ainda é possível se relacionar com dois mundos: o interno e o externo e essa relação pode ser elaborada a partir da *porta*. A porta pode ser percebida sob dois aspectos: a abertura e o fechamento. Está inserida num contexto em que favorece ao habitante a flexibilidade de se expor ou não. É a porta o caminho para o espaço externo e interno. Cavalcante (2004:134) considera que a porta tem funções que “correspondem à satisfação de necessidades que se repetem no tempo”. Fechando a porta, o sujeito constrói um espaço em volta de si e, ao abri-la, ele pode construir seu espaço com o outro, ou seja, com o mundo externo.

Nessa perspectiva, a porta é como a passagem do idoso ao sair de uma vida anterior (com familiares e amigos) e a entrada para um novo caminho (a vida de asilado). Assim, na casa, o idoso constrói e significa seus espaços, abrindo-se para uma relação com os demais ou fechando-se num mundo em que é só dele.

Dessa forma, o lugar intermediário traz ao idoso, na casa asilar, sensações positivas ou negativas. Como no caso de um idoso, a área, dá a esperança de um dia voltar para sua casa e para outras, é um espaço em que unem as relações dos idosos, na casa ou no momento de interação consigo mesmo.

Os lugares do entorno das casas asilares

A relação do sujeito com o entorno traz sua marca registrada no ambiente externo da casa. Na entrevista, um dos sujeitos menciona que gosta de ficar na *grama*,

considerando-a como um tapete vivo, convidando-o ao descanso e ao deleite. Esse lugar faz parte do ambiente coletivo, mas, na medida em que o idoso sente-se bem nesse espaço, ele o torna seu naquele momento.

O *portão* tem o símbolo do portal, ou seja, segundo Ferreira (2000), é a porta principal de um espaço. É aquela que dá acesso à rua e ao público. Em algumas casas asilares, esse portal é aberto, em outros momentos, o portão é cadeado e permanece fechado, impossibilitando o acesso ao espaço público, à liberdade; como ficou evidenciado nas pesquisas de Jerônimo (2005), ao comparar os portões abertos e fechados das casas asilares ao significado do exercício da liberdade e da cidadania dos idosos asilados, bem como o oposto, ao estarem fechados, o engaiolamento e a restrição de qualquer liberdade de escolha do idoso asilado.

Nas casas asilares: o meu “Cantinho”

A disposição dos objetos, como os ursinhos de pelúcia e as bonecas na cama, na cômoda, além de porta-retratos, televisão, perfumes, rádio, entre outros, no quarto de uma idosa, mostram a necessidade da apropriação do espaço pela identificação e personificação do lugar (deste cantinho), pela forma que ela o arruma.

Para os outros entrevistados esse processo de construção concreta, simbólica e significativa de um cantinho seu, simplesmente “não há”.

As relações entre os idosos, os cuidadores e os familiares no espaço das casas asilares

No espaço das casas asilares, verifica-se que o idoso mantém uma *relação* com seus cuidadores, com os outros idosos e com seus familiares. Percebe-se que essas relações não se constituem de forma imediata, pois o idoso é retirado de seu convívio social e tem que aprender a se relacionar com pessoas que jamais conheceu. Nesse ambiente, torna-se membro de uma nova comunidade, na qual busca desenvolver sua adaptação ou apropriação.

Barreiros (2006) identifica que, no processo de institucionalização, o idoso sente-se excluído de seu contexto familiar e, no asilo, passa a assumir um comportamento de isolamento e a querer somente a atenção dos profissionais. Porém, na medida em que o tempo passa, essas relações, com a ajuda dos cuidadores, estendem-se, e se constrói um relacionamento de *amizade* com os demais internos e com as outras pessoas. Na

relação de amizade, o idoso constrói novos vínculos afetivos, facilitando sua vivência na casa asilar.

O espaço asilar e as relações familiares

A família é o primeiro contato social do sujeito, auxiliando-o na sua aprendizagem e na construção da identidade. Freitas (2006) conclui que foi o tempo em que a família respeitava a sabedoria de seus antecedentes e tradicionalmente honrava cuidar de seus idosos. Sendo assim, o idoso é transportado para a casa asilar, tornando-se comum a perda de contato entre idosos e familiares.

Essa realidade se verifica nas entrevistas realizadas, pois constatou-se que alguns filhos não visitam freqüentemente seus pais ou deixaram de visitá-lo, confirmando o *abandono* da família para com seu idoso.

Barreiros (2006:277) pontua que “o processo de asilamento conduz a um distanciamento progressivo entre idosos e seus familiares, chegando às vezes, ao abandono”. Assim, muitas famílias deixam o idoso na casa asilar, e, de acordo com as proprietárias de uma das casas entrevistadas para essa pesquisa, a maioria, no início, visita com freqüência e, à medida que o tempo passa, são esquecidos e abandonados. Mazza (2004) menciona que o idoso, sem auxílio familiar e do sistema formal, com a falta de comprometimento da sociedade, aumenta a possibilidade de ser inserido em uma instituição asilar.

Se, para alguns dos idosos, seus familiares quase não vêm visitá-los na casa asilar, para outros, o convívio ainda é bastante presente. Cabe ressaltar a importância da presença freqüente dos familiares na vida do idoso asilado, pois se acredita que, assim como na infância, o carinho, o afeto e o amor auxiliam na construção das estruturas biopsicossociais do sujeito, na velhice, auxiliam na sua adaptação ao novo lar.

O espaço asilar e as relações com outros idosos

No espaço asilar, o idoso passa a construir novas relações e, assim, estabelece *laços afetivos* com os outros idosos. Porém, inicialmente, no período de adaptação, o idoso se sente isolado e não está preparado para estabelecer esses vínculos. Mas, na medida em que interagem com os cuidadores, estes propiciam ao idoso uma relação de afeto e auxiliam no relacionamento com os demais idosos (Barreiros, 2006).

Nessa pesquisa, observa-se que os laços afetivos entre os idosos são de companheirismo, afeto e carinho. Esse novo espaço torna-se pertencente a sua vida e possibilita conquistas de amizades que, muitas vezes, são definidas como sendo da própria família. Nessa relação, os laços

afetivos vão se estabelecendo, concretizando os vínculos de amizades e um ambiente agradável.

É importante pontuar que, além dos laços afetivos e do relacionamento entre os idosos, é também significativa a inserção da comunidade para ampliar esses vínculos; assim, o idoso não fica limitado às relações com sujeitos da mesma idade. De acordo com Born (2002), é necessário e interessante que se organizem atividades conjuntas envolvendo jovens e crianças, e que sejam proporcionadas oportunidades para o idoso sair do espaço asilar e passear. Enfim, situações que possibilitam o convívio social e que, assim, viabilizem a realização do idoso asilado.

O espaço asilar e as relações com os cuidadores

Os *cuidadores*, nas casas asilares, são pessoas que não fazem parte da família do idoso, porém são bem vistos e possuem um bom relacionamento com eles.

Dessa forma, o cuidador presta seus serviços ao idoso, não bastando apenas auxiliá-lo, é preciso que se tenha amor e dedicação à profissão. Nesse estudo, observa-se que a maioria dos cuidadores age de forma carinhosa com o idoso. Como afirma Born (1996 apud Espitia, 2006:55), “entretanto, um relacionamento desprovido de apego emocional transforma o cuidado numa tarefa onerosa, pois as atitudes de solidariedade, gratidão e responsabilidade tendem a ser encaradas como mera obrigação”. Portanto, o cuidador deve atender ao idoso, se, realmente, se sente disponível a doar-se por completo na profissão e possuir vínculos afetivos com eles.

Os vínculos afetivos do idoso ao habitar a própria casa: as lembranças do tempo em que “Eu Estava em Casa”

A *casa* fornece a sensação de abrigo, proteção, e pode ser considerada como o primeiro lugar social do indivíduo e do convívio familiar. “A casa é o lugar do espaço onde o sujeito se referencia [...]” (Gonçalves, 2002: 37). Nesse espaço, o sujeito se conhece, constitui-se e constrói sua identidade de lugar, dispondo de objetos e adornos da maneira que se identifique e, assim, passe a ter aquele lugar como seu, apropriando-se dele.

Ferreira (2003:217) argumenta que “a casa é o ponto central de um espaço simbólico criado a partir das vivências e temporalidades que evoca; nela tempo e espaço articulam-se, quando semantizada como o núcleo da aurora e do desabrochar da vida, palco de um tempo feliz [...]”. O referido autor, em outro momento, comenta

que “a decoração da casa está vinculada a esse universo de valores e os objetos nela dispostos estão imbuídos de forte carga emocional e simbólica” (Ferreira, 2003:217).

Na Psicologia Ambiental, essas atitudes estão vinculadas ao processo de *habitar* a própria casa. na percepção de Gonçalves (2007), quando o sujeito se apropria do espaço, ele habita; e a não apropriação, isto é, o ato de “localizar-se em algum lugar” está ligado simplesmente em *morar* nesse espaço. Quando se habita, atribui-se significado ao lugar, deixando sua marca. Assim, “A casa só é casa quando traz a marca humana” (Vasconcelos, 1996:161).

Dessa forma, nas casas asilares, por meio das entrevistas, percebe-se que o habitar a própria casa ainda está vivo nas lembranças, conforme será discutido a seguir.

A minha Casa

Nas entrevistas, os idosos mencionam que a casa traz lembranças do tempo de *convívio familiar* com a esposa (o), os filhos e a vizinhança. Por meio das lembranças, os idosos relatam seu verdadeiro desejo, o de voltar para casa. Conforme Maria relata, “*Mas tenho fé de colocar meus pés de novo dentro da minha casa. Morar na casa era o paraíso*”. Ferreira (2003) menciona sobre o mundo no qual a casa é definida, como o mundo da vida cotidiana, que passa por cenas domésticas evocadas pelos idosos e sua sensibilidade no presente, aparece por meio da saudade. Observam-se, nos idosos, as fortes lembranças que têm da mãe e da casa. A casa, segundo Chavelier (2000:196), “é um símbolo feminino com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio materno”. Nessa função, a casa torna-se elemento repleto de amor e força.

Percebe-se, com essa pesquisa, que a casa, para o idoso, está vívida na memória, e essa sintonia traz a ele a saudade da vida construída. Para os entrevistados, os vínculos afetivos com a “casa natal” (Bachelard, 1993) que permeiam o novo espaço e, mesmo aqueles que desejaram vir para a casa asilar, têm recordações do tempo em que viviam na sua casa.

Dessa forma, o idoso ainda possui seus vínculos afetivos com relação à “casa natal”, mesmo estando nas casas asilares. Assim, é necessário que as casas, além da assistência já prestada, tenham outros trabalhos que auxiliem no convívio do idoso e no seu bem-estar. De acordo com Ferreira (2003), as casas são testemunhos edificadas do grupo familiar, de toda dimensão íntima, em que os rituais, as rupturas, a suspensão e sucessões das gerações acontecem. É entendida como o espaço simbólico, e a inserção do indivíduo nesse território de pertencimento é que marca sua percepção por meio do

enraizamento. A ruptura desse espaço pode impossibilitar o sujeito de recriar um novo espaço.

As recordações dos objetos simbólicos, os lugares significativos e as lembranças das pessoas significativas do tempo “eu estava em casa”

Nesta pesquisa, os entrevistados, por meio das lembranças que têm das respectivas “casas natais”, relataram a respeito dos objetos, lugares e pessoas significativas. Sendo esses, para eles, ainda constituintes dos seus vínculos afetivos e da sua relação com o espaço de um mundo já vivido.

Os objetos, segundo Gonçalves (2002), podem expressar a essência e a afirmação poética do homem. Nesse sentido, o objeto torna-se um objeto poético que evoca sentimentos e que dá sentido à vida. Nas entrevistas, os objetos simbólicos mencionados pelos idosos foram: a *ferramenta* e o *relógio de parede*.

A ferramenta, conforme Ferreira (2000), é um utensílio empregado nas artes e ofícios. Assim, o sujeito se utilizava desse instrumento para realizar suas atividades manuais.

Um outro sujeito relatou sobre o relógio de parede como seu objeto significativo. O entrevistado cita que hoje na casa asilar, ainda ouve as batidas do relógio da casa natal, apropriando-se de um espaço imaginário, substituindo o seu espaço concreto. O relógio, nesse espaço, passa a ter sentido e “transforma-se num tempo mítico” (Rabinovich, 1997) e não meramente em um “tempo funcional”.

Os *lugares significativos* são também citados pelos entrevistados, sendo eles, o *espaço do trabalho*, como a lavoura, o quintal, a cozinha, o jardim, os trabalhos manuais (tricô, crochê) e o *espaço de lazer*, como a dança e os passeios.

O trabalho pode ser definido como um espaço de dedicação humana, bem como, a dignidade e vitalidade do sujeito. Os entrevistados possuíam uma relação de trabalho com a terra, e Jerônimo (2008) sustenta que o trabalhador rural tem uma união com a natureza, porque o apego da terra é profundo. A terra é uma grande parceira.

Assim como a lavoura, o quintal e o jardim também são espaços que se constituem no preparo da terra, os trabalhos manuais proporcionam a criatividade. Conforme Mendonça (2005), “a atividade artística enfatiza o processo construtivo e a criação do novo, através da produção de acontecimentos, experiências, ações, objetos”.

O lazer, na visão de Andrade (2001:52), revela a “liberdade, individualidade, inteligência, sensações de leveza e de habilidades sociais, e longa série de emoções. Os idosos utilizavam quando estavam em casa o seu tempo e espaço para trabalhos e divertimentos. A dança era um elemento que nunca deixavam de realizar. Pode ser a dança considerada como movimento que ativa as sensações de afeto e emoções no nosso corpo.

Nas entrevistas, os idosos apresentam *peçoas* que fazem ou fizeram parte de sua vida e que se tornaram significativas, como a esposa, os filhos, a vizinhança, a mãe, o pai, os irmãos e a sobrinha. De um modo geral, todos contribuíram de alguma forma na vida desses idosos e fazem parte de suas lembranças, isto é, dos momentos de alegrias, tristezas, conquistas, entre outros.

Nessas relações, o idoso tem sua vida marcada e é a família, os vizinhos e amigos, enfim, suas *redes sociais* que, de acordo com Barreiros (2006:280), “compõem uma rede de apoio natural”. Ainda, conforme Freitas (2006, p. 9), “é no seio da família que podemos participar de um ambiente onde há possibilidade de identificação, pela construção de nossa individualidade em companheirismo, respeito e dignidade”.

Para finalizar, é necessário enfatizar que, nessa pesquisa, o vínculo afetivo do idoso ao habitar a própria casa e as casas asilares se divergem. No decorrer dessa análise, percebe-se que o antigo lar traz ao idoso o afeto e, consigo, suas marcas, as quais estão dispostas nos objetos, pessoas significativas e lugares do entorno. No que se refere às casas asilares, o espaço torna-se coletivo e funcional, dificultando sua apropriação.

Considerações finais

A partir dos resultados desta pesquisa no que diz respeito ao processo de construção de identidade de lugar do idoso, por meio da personificação dos lugares nas casas asilares, considera-se que os idosos buscam, freqüentemente, essa significação mediante o lugar em que vivem. Percebe-se que, nas casas asilares, não existe um lugar único que possa ser identificado como sendo somente seu, por onde possa deixar a sua marca registrada. Assim, o idoso passa a construir mecanismos de ajustamento e adaptação, que envolvem também aspectos emocionais, permitindo que ele se sinta, de certa forma, ocupante desse espaço.

Com relação a autopercepção do idoso nas casas asilares, verifica-se que ele tenta suprir sua solidão por meio das lembranças que tem da “casa natal”. Assim, a percepção sobre si mesmo é dificultada, pois os papéis assumidos no ambiente familiar tornam-se diferentes do atual vivido na casa asilar. Nesse novo espaço, o idoso

sente-se perdido e, sem o afeto dos filhos, motivo esse que provoca angústia e a fragmentação de sua subjetividade.

Nas relações entre os idosos e seus cuidadores pode-se observar que o relacionamento entre todos é de amizade e afeto. Nessas relações, o idoso que não tem o carinho de seus familiares se apega nos relacionamentos com as pessoas da casa, sentindo amor e afeto por elas, possibilitando, assim, sua vivência na casa asilar.

As relações do idoso com seus familiares, em princípio são mantidas, e com o passar do tempo vão sendo esquecidas. Todavia, não se pode generalizar o fato do abandono, pois muitas famílias ainda cuidam do seu idoso, mesmo estando no asilo. Nesse sentido, muitas das relações dos idosos estão vinculadas aos laços afetivos que constroem com as pessoas que vivem na casa asilar, o que significa para Brazelton (2002) o “amor institucional”.

Ao se compararem os vínculos afetivos ao habitar a própria casa e as casas asilares, observa-se que o idoso tenta habitar o espaço asilar, do qual notadamente é apenas um ocupante. Diferentemente do espaço saudoso de sua “casa natal”, da qual sempre foi apropriado. Por meio dos relatos de suas lembranças, os vínculos que o idoso tem são com a “casa natal”. Consideram a casa como o verdadeiro lar. Um dos entrevistados menciona que viver na sua casa era o paraíso e no ambiente asilar é muito desagradável. Para outros entrevistados, consideram poucos os lugares com os quais têm vínculos afetivos, que possam ser considerados “seus”, no espaço asilar. Na própria casa, as relações de afeto se tornam mais intensas, pois foi onde construíram toda sua história de vida. O idoso somente se sentirá habitante desse espaço, se os lugares que o envolvem sejam de afeto, carinho e, fisicamente, proporcionem sensações parecidas com as que sentiam ao habitar a própria casa.

Assim, a Psicologia Ambiental pode contribuir com seu objeto de estudo, na organização dos espaços ocupados pelo idoso nas casas asilares, no que diz respeito à criação de ambientes propícios ao bem-estar e à sua interação com o meio, podendo estabelecer laços afetivos com o lugar. O idoso pode ser estimulado a personificar lugares dentro da casa com seus próprios pertences.

Nesse sentido, fica como sugestão que as casas asilares ambientalizem o espaço da casa, de modo que o idoso sinta-se bem, como em seu antigo lar. Como por exemplo, estimular que tragam seus pertences mais íntimos como fotos, travesseiro, poltrona, quadros, entre outros e principalmente oportunizar liberdade ao idoso para que este na medida do possível lugares de personifiquem sua estadia longa neste novo espaço. Que os Conselhos Municipais do Idoso não objetivem somente fiscalizar e controlar as casas asilares, mas que, juntamente com elas, elaborem programas e

projetos que viabilizem o bem-estar dos idosos. Compreende-se que esse bem-estar vai além do ambiente asilar, pois há idosos que vivem com a família e, muitas vezes, são vítimas de maus-tratos e abandono, não somente física, sobretudo, no que se refere à afetividade.

Portanto, essa pesquisa contribui para que as casas asilares, conselhos e famílias percebam que o idoso, ao sair de seu lar, passa por rupturas emocional, física e social, o que dificulta a construção de novos laços afetivos com o novo espaço.

Finalmente, compreende-se que a apropriação do espaço em asilos não acontece, pois os aspectos simbólicos, afetivos, cognitivos e culturais que envolvem esse processo não estão presentes nesse novo espaço. Considera-se que a expropriação que o idoso sofre ao se afastar da família e de seu lar colocam-no em um sofrimento constante na busca pelo estabelecimento da apropriação do espaço na casa asilar.

Agradecimentos

Ao Conselho Municipal do Idoso de Criciúma/SC, às proprietárias das Casas Asilares pelo acolhimento e carinho, aos idosos pelo compartilhar de suas histórias. Às psicólogas Msc. Adriana Silveira e Msc. Elisiênia Cardoso de Souza Frasson Fragnani, pelas contribuições na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso.

Referências

- ANDRADE, J.V. 2001. Lazer – princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica.
- BACHELARD, G. 1993. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes.
- BARREIROS, E.X. et al. 2006. Relacionamento de Amizade na Instituição Asilar. Gaúcha Enfermagem (Porto Alegre/RS), jun 2006, vol.27, n.2, p.274-283. Disponível em: <http://www.portalbvsenf.cerp.usp.br/pdf/rge/v27n2/v27n2a15.pdf>, Acesso em 01 fev. 2007.
- BAUER, M.W. & GASKELL, G. 2005. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.
- BRAZELTON, T.B. 2002. As necessidades essenciais das crianças: o que toda criança precisa para crescer, aprender e se desenvolver. Porto Alegre: Artmed.
- BORN, T. 2002. Cuidado ao Idoso em Instituições. In: PAPALÉO NETTO, M. Gerontologia. São Paulo: Atheneu, p. 403-414.
- BOSI, E. 1994. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.
- CALVACANTE, S. 2004. A porta: objeto dos espaços humanos. IN: GÜNTHER, H. et al. Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas: Alínea, p. 133-145.
- CHAVELIER, J. 2000. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CLAVAL, P. 1999. A Geografia Cultural. Florianópolis: UFSC.
- DOTTERWEICH, K. 1999. Terapia da família. São Paulo: Paulus.
- ESPITIA, A.Z. & MARTINS, J.J. 2006. Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família: encontros e desencontros. Arquivos Catarinenses de Medicina, vol. 35, n. 1, p. 52-59, 2006. Disponível em: <http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/355.pdf>, Acesso em 25 mai. 2007.
- FERREIRA, A.B.H. 2000. Mini Aurélio século XXI: o mini-dicionário da língua portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FERREIRA, M.L.M. 2003. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, M. M. L. (org.). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, p. 207-222
- FREITAS, T. M. de et al. 2006. Idosos e família: asilo ou casa. 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0281.pdf>. Acesso em 23 mai. 2006.
- GIL, A. C. 1994. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- GOLDENBERG, M. 2000. A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 4. ed. Rio de Janeiro: Record.
- GONÇALVES, T.M. 2007. Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Unijui.
- GONÇALVES, T.M. 2004. Psicologia Ambiental. Revista Pesquisa e Extensão em Saúde. UNESC, 1(1), p.18-21.
- GONÇALVES, T.M. (2002). O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-socio-ambiental do Bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma/SC). Tese de Doutorado em Meio Ambiente e

- Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 246p.
- GÜNTHER, H. et al. 2004. *Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente*. Campinas: Alínea.
- GUNTHER, I. de A. et al. 2003. Lugares Favoritos de Adolescentes no Distrito Federal. *Estudos de Psicologia (Natal)*, mai/ago. 2003, vol.8, n.2, p.299-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19046pdf>, Acesso em 06 jun. 2006.
- HEINSTRAS, N. W. 1978. *Psicologia Ambiental*. São Paulo: EPU.
- JERÔNIMO, R.N.T. 2009. Modelos tradicionais de cultura em espaços pós-modernos: o recorte da comunidade de Ibiraquera (SC) no olhar da Psicologia Ambiental. *Gaia Scientia*. 3 (1): 81-92.
- JERÔNIMO, R.N.T. 2007. O processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibiraquera em Imbituba/SC. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 317 p.
- JERÔNIMO, R.N.T. 2005. Apropriação do Espaço em Asilos: o olhar da Psicologia Ambiental. Trabalho apresentado na Semana de Psicologia. UNESC. Criciúma.
- JORGE, L. A. 1995. O significado da janela. São Paulo: *Annablume*, p. 91-103.
- MAZZA, M.M.P.R. & LEFÈVRE, F. 2004. A instituição asilar segundo o cuidador familiar do idoso. *Saúde e Sociedade*. Set-dez 2004, vol. 13, n.3, p. 68-77. Disponível em: http://apsp.org.br/Saúdesociedade/XIII_3/artigos%2013,3%20PDF/revista%20artigo%207.pdf, Acesso em 23 mai. 2007.
- MENDONÇA, T.C.P. 2005. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. *Psicologia Ciência e Profissão*, dez. 2005, vol.25, n.4, p.626-635. Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000400011&script=sci_arttext&tlng=pt, Acesso em 30 mai. 2007.
- MINAYO, M.C.S. (org). 2003. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 22.ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- POL, E. 1996. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, L. & POL, E. *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, p.45-60.
- PRADO, A.R A. & LICHT, F.B. 2004. Idosos, Cidade e Moradia: Acolhimento ou Confinamento? *Revista A Terceira Idade*. São Paulo: SESC, vol.15, n.29, p.80-91.
- RABINOVICH, E.P. 1997. A casa como tempo: a bilheteria e as três temporalidades. *Psicologia Ciência e Profissão*. Conselho Regional de Psicologia, 17 (3), p. 2-11.
- SOUZA, J.L.C. 2003. Asilo para Idosos: o lugar da face rejeitada. *Revista Trilhas*, Belém, set. 2003. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/revista/trilhas/pdf/rtrilhasv4a1a8pdf>, Acesso em: 02 set 2005.
- TUAN, YI-FU. 1980. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.
- TRIVINÓS, A.N.S. 1987. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- VASCONCELOS, N.A. de. 1996. Qualidade de vida e habitação. In: CAMPOS, R. H. de F. (org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 127-163.
- ZIMERMAN, G. I. 2000. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.